

CORREIO ECONÔMICO

Mercado financeiro volta a elevar IPCA para este ano

Em contraste à subida da inflação, expectativa para o PIB parou



Setembro tem o segundo maior saque de 2024

Poupança: setembro tem o 2º maior saque do ano

Maior volume de saques, desde janeiro deste ano, as cadernetas de poupança registraram em setembro retiradas no montante de R\$ 7,140 bilhões, marcando o terceiro mês seguido de saldos negativa, de acordo com dados divulgados, nessa segunda-feira (7), pelo Banco Central (BC).

Tal resultado fez com que o acumulado do ano totalizasse uma retirada líquida

de R\$ 11,239 bilhões. Somente neste ano, foram contabilizados seis meses de saques, em que o maior volume correspondeu ao mês de janeiro, de R\$ 20,149 bilhões. As únicas exceções couberam aos meses de março, maio e junho, em que os depósitos superaram os saques.

Em agosto, a saída líquida somou R\$ 6,137 bilhões no SBPE.

Não sobe

Se depender da agência classificadora de risco Fitch – uma das maiores do mundo – a nota de crédito do Brasil não deverá melhorar no curto prazo. Para a agência, o crédito brasileiro é classificado em “BB”, ou dois níveis abaixo do grau de investimento, com perspectiva estável.

Sem confiança

Como argumento para a negativa, o diretor sênior e co-chefe de ratings soberanos das Américas, a Todd Martinez da Fitch explica que “para elevar a classificação de crédito do Brasil, precisaríamos ter mais confiança na capacidade de o governo de gerar superávits primários”.



Perdas com incêndios florestais subiram exponencialmente

Segundo CNM, perdas com incêndios cresceram 286.000%

Se contabilizados até setembro último, os incêndios florestais afetaram diretamente 19,8 milhões de pessoas, além de resultar em um prejuízo econômico de R\$ 2 bilhões, aponta levantamento da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) divulgado na última quinta-feira (3). Atualmente, 684 municípios se encontram

em situação de emergência, em decorrência dos incêndios florestais. No ano passado, em igual período, os incêndios atingiram 43 municípios, afetando 12,7 mil pessoas, e um prejuízo de R\$ 36,1 milhões. No comparativo anual, a CNM calcula que, nos meses de agosto e setembro, as perdas aumentaram 286.000%.

IGP-Di acelera

Devido à alta das commodities, além do esperado, o IGP-DI (Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna) voltou a acelerar 1,03%, em setembro, após avançar somente 0,12% no mês anterior. Com esse resultado, o indicador acumula alta de 4,83% em 12 meses.

IPA salta

No mês passado, o IPA (Índice de Preços ao Produtor Amplo), responsável por 60% do indicador, saltou 1,20% em setembro, após avançar apenas 0,11% no mês anterior, com a alta de 2,19% das Matérias-Primas Brutas, em contraste com a queda de 0,47% de agosto.

Etanol

Estudo elaborado pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) indica que o etanol se manteve mais competitivo em relação à gasolina em sete estados e no Distrito Federal na semana passada em relação à semana anterior.

Estados

O combustível limpo foi mais competitivo em relação à gasolina nos seguintes Estados: Acre (67,70%), Goiás (68,33%), Mato Grosso (59,08%), Mato Grosso do Sul (64,81%), Minas Gerais (68,68%), Paraná (68,45%) e São Paulo (65,03%), além do Distrito Federal (67,66%).

Por Marcello Sigwalt

Após descrever pequeno ‘pit stop’ na semana anterior, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) projetado pelo boletim Focus para 2024 – consulta semanal do BC às 100 maiores instituições financeiras – voltou a avançar, desta vez, de 4,37% para 4,38%. Já a estimativa para 2025 foi mantida nos 3,97% anteriores, assim como permaneceu em 3,60% para 2026 e em 3,5% para 2026.

Mais importante que a alta em si, pouco significativa, importa aqui destacar o viés ascendente do indicador inflacionário, uma vez que o aperto monetário deve aumentar, tendo em vista ‘domar’ a trajetória ascendente dos preços, mediante aquecimento do mercado de trabalho e a elevação da renda.

Mais sensível que os juros em escalada, a expectativa de crescimento da economia já exibe algum tipo de freio, uma vez que o PIB (Produto Interno



Aperto monetário ‘segurou’ previsão de avanço do PIB, mas não da inflação

Bruto) esperado para este ano ‘estacionou’ nos mesmo 3% anteriores. Pequena elevação, de 1,92% para 1,93%, mostrou a previsão do PIB para 2025, enquanto que para 2026, este continuou nos mesmos 2%, como há 61 semanas. Mesmo percentual foi mantido para

2027, como há 63 semanas.

Enquanto a inflação avança e a economia tupiniquim ‘derrapa’, a taxa básica de juros (Selic) esperada para 2024 continuou em 11,75% ao ano (a.a.), como na semana passada, o mesmo valendo para 2025 (10,75% a.a.); 2026 (9,50%

a.a.) e 2027 (9,0% a.a.).

A exemplo da estabilidade da maioria dos indicadores, o resultado primário continuou no mesmo déficit de 0,60% do PIB anterior (pela 5ª semana seguida), em -0,73% do PIB para 2025, -0,67% do PIB em 2026 e -0,30% do PIB em 2027.

Juros futuros firmam viés de baixa

Os juros futuros se firmaram em baixa no meio da tarde desta segunda, 7, após passarem a manhã oscilando entre a estabilidade e viés de alta. A melhor não foi determinada por um fator específico, mas por ajustes técnicos relacionados aos prêmios de risco elevados, e se deu num ambiente de liquidez fraca. Alguns profissionais comentaram sobre a expectativa positiva para sabatina de Gabriel Galpólo amanhã no Senado.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 12,29%, de 12,39% no ajuste de sexta-feira, e a do DI para janeiro de 2027, em 12,33%, de 12,43% no último ajuste. O DI para janeiro de 2029 encerrou com taxa na mínima de 12,34% (de 12,46%).

Diante do cenário externo tenso em função do agravamento dos conflitos no Oriente Médio, que fez disparar os

preços do petróleo, e do avanço dos juros dos Treasuries, a avaliação é de que a curva local esteve bem comportada nesta segunda-feira.

O economista-chefe da Nova Futura Investimentos, Nicolas Borsoi, afirma que os DIs já deveriam ter melhorado pela manhã, considerando o resultado das eleições municipais visto como positivo para os ativos domésticos. “Mas a alta dos juros dos Treasuries estava

pesando”, afirmou.

As taxas da T-Note de 2 e 10 anos perderam impulso à tarde mas seguiram acima de 4%, refletindo a percepção de que não deve haver disposição do Fed para manter cortes de juro na dose de 50 pontos-base nas reuniões restantes de 2024. Os preços do petróleo voltaram a disparar com nova ofensiva de Israel em Gaza e no Líbano, no domingo (6), e temor de contra-ataque do Irã.

Corrente de Comércio atinge US\$ 10 bi

Divulgação site Abcagora

No ano, as exportações totalizam US\$ 261 bi e as importações, US\$ 200,8 bi, com saldo positivo de US\$ 60,1 bi e corrente de comércio de US\$ 461,9 bi.

Na 1ª semana de outubro de 2024, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 1,02 bilhão e corrente de comércio de US\$ 10,118 bilhões, resultado de exportações no valor de US\$ 5,6 bilhões e importações de US\$ 4,5 bilhões.

Exportações no ano

No ano, as exportações totalizam US\$ 261 bilhões e as importações US\$ 200,9 bilhões, com saldo positivo de US\$ 60,1 bi e corrente de comércio de US\$ 461,9 bilhões. Os números foram divulgados nesta segunda-feira (7/10) pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, comércio e Serviços (Secex/MDIC).



Balança acumula superávit de US\$ 60,1 bilhões no ano

cício e Serviços (Secex/MDIC).

A média diária de exportações na 1ª semana de outubro ficou em US\$ 1,39 bi, contra US\$ 1,41 bi da medida total de outubro no ano passado. Em relação às importações, houve crescimento de 16,5% na comparação entre as médias: US\$

1,14 bi agora, contra US\$ 976 milhões em outubro/23.

Crescimento de 5,8%

Assim, a média diária da corrente de comércio totalizou US\$ 2,5 bi na primeira semana de outubro, e saldo médio de US\$ 255,04 milhões. Compa-

rando-se este período com a média de outubro/2023, houve crescimento de 5,8% na corrente de comércio.

Acumulado na 1ª semana

No acumulado até a 1ª semana do mês de outubro/2024, comparando com igual mês do ano anterior, o desempenho das exportações, por setores pela média diária, registrou queda de US\$ 82,96 milhões (27,1%) em Agropecuária; crescimento de US\$ 32,79 milhões (9,2%) em Indústria Extrativa; e crescimento de US\$ 23,84 milhões (3,2%) em produtos da Indústria de Transformação.

Nas importações, houve crescimento de US\$ 1,89 milhões (11,3%) em Agropecuária; queda de US\$ 12,11 milhões (14,9%) em Indústria Extrativa; e crescimento de US\$ 177 milhões (20,3%) em produtos da Indústria de Transformação.

Bolsa sobe 0,17% e bate os 132 mil pontos

Em meio às tensões no Oriente Médio, as ações de Petrobras (ON +1,69%, na máxima de R\$ 42,06 do dia no fechamento; PN +1,40%) – assim como Vale (ON +0,88) – deram suporte ao Ibovespa neste começo de semana. Porém, o índice chegou a perder força em direção ao fim do dia, ainda em alta de 0,17%, aos 132.017,84 pontos, tendo mostrado dificuldade para sustentar a linha dos 132 mil na sessão.

Nesta segunda-feira (7), flutuou em margem mais ampla do que a da sexta-feira, entre mínima de 131.676,47, à tarde, e máxima de 132.942,57, com abertura aos 131.792,29 pontos. O giro permaneceu enfiado como na sessão anterior, a R\$ 17,9 bilhões. No mês, o Ibovespa sobe agora 0,15%, com perda no ano a 1,62%.

Os grandes bancos mostraram desempenho moderadamente positivo, tendo Bradesco

PN (+0,93%) à frente.

Em contraponto ao desempenho do índice de materiais básicos – em alta de 0,41% no fechamento –, o índice de consumo, cedeu hoje 0,78%.

E o aprofundamento das perdas em Nova York, do meio para o fim da tarde, também contribuiu para o desempenho tímido do Ibovespa neste começo de semana, com Dow Jones, S&P 500 e Nasdaq em baixa, respectivamente, de 0,94%,

0,96% e 1,18% no encerramento da sessão.

“Aqui, o Ibovespa abriu em alta e lutou para retê-la à tarde, com a Vale reagindo bem, ainda, aos estímulos na China. E o petróleo, por sua vez, avançou 13% desde o agravamento das tensões entre Israel e Irã”, o que contribuiu para o avanço de Petrobras, diz Mariele Ludtke, operadora de renda variável da Manchester Investimentos.